

com Brasil
29 MAR 1988

Hora de decisão

JORNAL DE BRASÍLIA

É cada vez mais urgente que o Governo defina de maneira clara as medidas econômicas que pretende adotar. Não é mais aceitável a protelação de decisões indispensáveis. A indefinição é negativa não somente para a máquina administrativa, que fica paralisada, mas também para toda a iniciativa privada. Esta não pode fazer seus planos, adotar decisões sem saber quais serão as regras do mercado que prevalecerão.

Agora que o Governo já verificou e testou sua maioria no Congresso não pode mais se declarar indeciso diante de pressões divergentes. Afinal, governar é decidir, é optar. O Governo não pode mais tentar agradar a todos e tem de tomar as decisões que se impõem. A busca de uma popularidade fácil e generalizada em geral dá o resultado oposto ao almejado. Acaba por contrariar a todos.

É bem verdade que o Governo tem compromissos assumidos solenemente diante de toda a Nação. Entretanto, isto não pode se transformar em

pretexto para a indecisão, para a mudança constante e freqüente de políticas no plano econômico.

A urgência é, portanto, não somente da escolha de uma política mas também da manutenção da mesma, na resistência às pressões que seguramente se farão sentir.

Na Nova República já houve oscilações freqüentes no domínio econômico. Esta vacilação é mais perniciosa que qualquer outra coisa. Não é possível que uma economia se mantenha com a constante variação das regras do jogo. Desta forma, os agentes econômicos só podem ficar desestimulados, os investimentos tendem a cair, as disponibilidades se encaminham naturalmente para a especulação. Sem que os agentes econômicos tenham segurança da constância das regras que devem obedecer não se pode esperar investimentos que tenham a rentabilidade a médio ou longo prazo.

Chegou o momento de se dizer com clareza que não se espera do Governo apenas que ele

anuncie um belo plano de recuperação econômica. Isto tem sido feito com uma freqüência até exagerada. O que se exige agora é decisão na execução da política adotada. De nada valem planos que sejam lançados imediatamente nas latas de lixo dos ministérios.

Não são somente os setores empresariais que pressionam no sentido de uma ruptura rápida da inércia dominante; agora é toda a sociedade que está impaciente e ansiosa para conhecer as medidas que serão adotadas.

Já passou o momento de delongas e de debates, o que se espera é ação firme, decidida e constante. Somente assim o País pode pensar em superar a crise e reconquistar a confiança no tão prometido progresso econômico e social. Cada minuto que se deixa passar, cada declaração protelatória causam mais prejuízo e provocam um aprofundamento da crise. Estamos em uma corrida contra o relógio. É importante que as autoridades tomem consciência desta situação e assumam as responsabilidades que são suas.